

UNIFESSPA BIBLIOTECADO CAMPUS II



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARA

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL E SUDESTE DO PARA

NÚCLEO DE MARABÁ

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS / 2000

JOCEANO RIBEIRO BATISTA

UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO E CULTURA NO ACAMPAMENTO 26 DE MARÇO, (SITUADO À RODOVIA PA - 150)

1. Educação rural - Marabá (PA) CDD: 23. ed: 370.91734098115



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARA

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL E SUDESTE DO PARA NÚCLEO DE MARABÁ

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS

eultura no acampamento 26 de maryo (situado a rodovia PA – 150) Joceano Ribeiro Batista – Maraba, 2005.61.

Um estudo sobre Educação e Cultura no acampamento 26 de março, (situado à rodovia PA – 150)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de **Licenciatura Plena em Ciências Agrárias** do Campus Universitário do Sul e Sudeste do Pará – Núcleo de Marabá, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Ciências Agrárias.

Marabá 2005

Data da defesa: 06 / 12/200 S Conceito: 80M

Banca Examinadora:
Profa Cine C

ene

Marabá 2005

AGRADECIMENTOS

- ✓ À comunidade do pré-assentamento 26 de março que me permitiu realizar este estudo e, em especial a Raimundo, conhecido por Preto, que me alojou em seu barraco.
- ✓ Aos professores da Escola Carlos Mariguela que me ajudaram, quando solicitados, em todas as fases da pesquisa.
- ✓ À professora Mara Rita que me pôs em contato direto com o acampamento e que começou a me orientar.
- √ À professora Gisela Macambira, minha orientadora, que sem a sua ajuda eu não teria conseguido.
- ✓ A todos os colegas da turma do curso de Ciências Agrárias que me proporcionaram grandes alegrias e, em especial a Luis, Geanio e Idelfran amigos para sempre.
- ✓ Aos professores do curso que muito contribuíram para a minha formação profissional e humana.
- ✓ Aos informantes que contribuíram para o início de minha pesquisa e aos que me possibilitaram chegar ao seu término.
- ✓ A meu Pai, Dioclides Batista Almeida, que me educou em todos os momentos que estivemos juntos, mostrando-me os caminhos e ensinando-me a percorrê-los. É com muita honra que lhe realizo um sonho. Que Deus o tenha. À minha querida Mãe, Maria Cironildes Ribeiro Batista, que estando presente em todos os dias me ensinou a andar com os próprios pés e encarar a vida. A minha Mãe que, semi-analfabeta, é hoje homenageada por permitir, de um modo especial, que eu alcançasse essa vitória.
- ✓ Aos meus irmãos José, Teresa, Jonas, Jocélio, Joscelia e André que sempre acreditaram em mim e expressaram isso através da solidariedade, carinho, amor e respeito,
- ✓ E a Deus que deu toda a inteligência que tem o ser humano e que por isso é o único superior.

A Elielza e Luís Fabiano,

Minha futura esposa e

meu filho

<u>SUMÁRIO</u>

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I	
1. Acampamento 26 de março	
1.1. A Ocupação a partir da fala do próprio acampado	13
1.2. Os primeiros dias no acampamento	14
1.3. A organização do acampamento	15
1.4. O acampamento e os desafíos.	15
1.5. O trabalho como fonte do saber.	18
1.6. O trabalho como agente socializador	20
1.7. A cultura dos sem-terra.	22
CAPITULO II	
1. A Escola Carlos Mariguela	25
1.1. Os compromissos da Escola Carlos Mariguela.	29
1.2. A Escola dos filhos	30
1.3. A Escola e a roça dos adultos	35
1.4. A Escola do campo "Teoria e Prática", na experiência do MST	
1.4.1. A concepção de escola do MST	38
1.5. A Escola do MST.	39
2. Os educadores da Escola Carlos Mariguela	
2.1. Quem são eles	40
2.2. O que é educação: com a palavra os professores	42
2.3. Os educadores e suas práticas.	44
CAPITULO III	
1. Saber gerado no processo de trabalho e nas relações de produção	
1.1. O processo de produção agropecuária e as práticas dos agricultores	
1.1.1. Alguns conceitos	
1.1.2. Conceitos complementares para o entendimento de sistema de cultura	
1.1.3. Definição e caracterização das práticas dos agricultores	
1.2. O processo de produção agrícola e as práticas dos agricultores do acampam	
março	50

professora Mara Rita já estava orientando outros alunos quando começou a me orientar e não pôde continuar me orientando e, então me indicou a orientação da professora Gisela Macambira Villacorta, antropóloga e professora do curso de Ciências Sociais da UFPA, o que trouxe a necessidade de mudança no foco da pesquisa. É preciso destacar, ainda, que na oportunidade em que fomos ao acampamento, eu e a professora Mara Rita, a professora Gisela também esteve conosco.

As minhas pesquisas no acampamento 26 de março tiveram início no mês de outubro de 2003. Nesse período eu fiz três viagens ao local, fiz algumas observações e entrevistei o professor Antônio, da escola Carlos Mariguela, e a mãe de aluno: Dona Maria. Retornei ao acampamento no mês de fevereiro de 2004, agora para passar uma semana no acampamento, fiz entrevistas com duas professoras da escola Carlos Mariguela: Professora Joana e professora Rita, além de dois pais: o Sr. Paulo e o Sr. José. Novamente, em outubro de 2004, fiz mais duas viagens ao acampamento, nesta oportunidade entrevistei 10 pais e mães de alunos, 05 (cinco) alunos da escola e 03 (três) militantes do movimento e, para finalizar as minhas pesquisas, fui em março de 2005 e passei dois dias no acampamento, o que é um tempo relativamente curto para se fazer uma pesquisa mais aprofundada, mas, ainda assim fiz observações em sala de aula no período da tarde nas turmas de 5ª, 6ª e 7ª séries, no período da noite nas turmas de 3ª e 4ª etapas e ainda entrevistei duas professoras do movimento que trabalham na escola.



Foto 1 - Pesquisador (à direita) e acampado

Na foto 1, de fevereiro de 2004, o pesquisador (à direita) e o agente de portaria da escola Carlos Mariguela "preto". O pesquisador estava de saída para entrevistar pais de alunos e militantes do movimento.

Em relação a pesquisa propriamente dita, pude realizá-la com algumas facilidades, pois firmei um importante contato com a secretária da escola Carlos Mariguela que é militante do MST no acampamento, Wátina, que me indicava as pessoas com quem devia realizar entrevistas e conversas.

Todos os dados utilizados na elaboração do trabalho, relacionados ao acampamento e as pessoas acampadas, foram obtidos através de entrevistas gravadas, aplicação de questionário e observações diretas, além disso, utilizei máquina fotográfica para registrar algumas cenas no acampamento.

O presente trabalho tem como foco principal os agricultores acampados no pré-assentamento 26 de março. O principal meio de sobrevivência e reprodução do trabalhador rural é a terra, pois nela são plantadas as esperanças de um futuro mais digno e dela é retirada à própria dignidade. Ao longo de sua vida o trabalhador rural vem lutando pela conquista da terra, ele não quer simplesmente lavrá-la indiscriminadamente, há um compromisso, uma identidade forte do ser humano com o ser terra caracterizado pela procura daquele por esta e pela bondade desta para com aquele (Caderno do MST).

Entendemos, por isso, que a relação entre esses seres é pluralmente produtiva. Isto é, o homem acampado e, também aqueles que não o são, sua atividade específica de lavrar a terra, obtém como produto desse trabalho, bens materiais, mas também, produzem saberes, técnicas de convivência imprescindíveis para a cultura rural.

O trabalho, realizado em suas diversas formas e com fins específicos, é um processo educativo no qual através das práticas se constroem conhecimentos necessários para a formação pessoal e profissional do ser humano. Mas, a educação do homem do campo não

pode se restringir e tão pouco se isolar, ao ato do trabalho, todavia é importante introduzir em seu meio, outros instrumentos de formação como, por exemplo, a escola.

O ensino regular em áreas rurais teve seu surgimento no fim do 2º Império e implantou-se amplamente na primeira metade do último século. O seu desenvolvimento através da história reflete, de certo modo, as necessidades que foram surgindo em decorrência da própria evolução das estruturas sócio-agrárias do país.

A monocultura da cana-de-açúcar, que dominou a economia do país até a metade do século passado, prescindia de mão-de-obra especializada. No entanto, com o advento da monocultura passou a carecer de pessoal mais especializado para o setor. Outras culturas secundárias, mas de alguma importância para o setor agrícola, também tiveram um desenvolvimento crescente, decorrendo daí a necessidade de pessoal com qualificação que se pretendia fosse dada pela escola.

É essencial destacar que as classes dominantes brasileiras, especialmente as que vivem do campo, sempre demonstraram desconhecer o papel fundamental da educação para a classe trabalhadora. As evoluções agroindustriais e suas conseqüências no contexto brasileiro, principalmente a industrialização, provocaram alterações que obrigaram os detentores do poder no campo a concordar com algumas mudanças, como por exemplo, a presença da escola que surge no meio rural brasileiro, tardia e descontínua.

Este trabalho se propõe a descrever o cotidiano dos trabalhadores rurais acampados em um acampamento do MST, no sentido de fazer uma reflexão sobre um tipo de saber construído através do trabalho na sua prática produtiva e outros tipos de saberes construídos e apropriados pelos camponeses por intermédio da escola.

O trabalho será dividido em três capítulos. No capítulo I, "O Acampamento 26 de março", traço uma breve História do acampamento, com relatos da ocupação, a situação em que as famílias chegaram ao acampamento, a organização e alguns outros aspectos. No capítulo II, "A escola Carlos Mariguela," faço uma breve descrição da escola e, em seguida,

descrevo a situação da escola no acampamento: A concepção de escola do MST e o papel que essa escola desempenha no acampamento. No capítulo III, "Saber gerado no processo de trabalho e nas relações de produção", aqui mostrarei alguns conceitos empregados nas atividades agrícolas propriamente ditas e descrevei as práticas e técnicas dos agricultores acampados.

CAPÍTULO I

1. O ACAMPAMENTO 26 DE MARÇO

Foto 2 - vista frontal do acampamento



Na foto 2, de janeiro de 2004, temos uma vista frontal do acampamento 26 de março. Logo na entrada do acampamento notamos a existência de um campo de futebol, aonde os jovens e adultos se encontram no período da manhã ou da tarde para disputare calorosas partidas de futebol, que são as suas principais formas de lazer. As mulheres, meninas e as mais adultas, também têm o seu horário reservado para uso do campo. O campo de futebol também é utilizado pelo professor de educação física, duránte suas aulas com os alunos da escola Carlos Mariguela. Na auto da foto à esquerda vemos a escola Carlos Mariguela e ao fundo podemos ver detalhes do acampamento.

1.1 - A Ocupação a partir da fala do próprio acampado

Ainda com base em depoimentos de acampados, houve várias ocupações "ocupamos o espaço e lá permanecemos por algum tempo e, inclusive houve várias negociações com o INCRA e houve um acordo de que o órgão faria a vistoria da área e para isso teríamos de desocupar a área, então nós desocupamos, tiramos as famílias e ficamos acampados próximo a ponte do rio Sororó. Eram aproximadamente 1200 famílias. O INCRA não cumpriu o acordo, então começou a dar muita malária, o risco de vida era muito alto devido, também, ao trânsito de carro, já que estávamos acampados à margem da rodovia, inclusive houve um acidente com um carro e por pouco não houve mortes. Um dia, sem ter motivo alguém passa na pista e joga fogo e, de repente começou um incêndio que ninguém sabia de onde veio, aquela correria, aquela gritaria. Portanto decidimos reocupar

a fazenda pelas necessidades que vínhamos passando, então, agora ocupamos a sede porque estava mais próximo de onde estávamos. Na sede permanecemos por mais tempo e, quando já estávamos trabalhando, na horta, tirando a manutenção da alimentação discutindo questões como: educação, que era prioridade pelo grande número de crianças e adultos que não sabiam ler, por isso foi urgente essa discussão. No encaminhar desse processo houve uma liminar de despejo, o dono da fazenda ganhou na justiça e, então, entra o batalhão da polícia com cães e faz despejo violentamente, agredindo a quem tivesse pela frente, assim é feito o despejo. A partir do despejo, nós viemos em marcha e ocupamos o INCRA. Após três dias de acampamento na superintendência do INCRA, em Marabá, não tivemos nenhuma resposta, então, os trabalhadores decidiram, novamente reocupamos a fazenda porque isso para nós já era uma questão de honra, visto que aquela terra não tinha documentação, era uma terra da união então era considerada uma terra dos trabalhadores, assim após os três dias reocupamos. Nessa reocupação tivemos o acompanhamento da imprensa em todo o período da tarde e daí em diante o acampamento resistiu até hoje".

(Dona Raimunda, 29 de janeiro de 2004).

1.2 - Os primeiros dias no acampamento

Acompanhemos o depoimento de uma militante acampada:

"Os primeiros dias nesse acampamento foi uma rotina. Quando a pessoa chega na terra, a primeira coisa a ser feita é o local de abrigo, fazem seus barracos e como a intenção do lavrador é conquistar a terra para trabalhar, faça chuva ou faça sol, ele já começa a fazer aberturas e preparar a terra para plantar. A maior dificuldade que se passa no início de todo acampamento é a fome, é a maior dificuldade, apesar de haver uma coletividade se passa muita necessidade, então os próprios acampamentos e assentamentos arcam com as despesas, quando o INCRA chega a dar alguma assistência já se passaram 2 ou 3 anos de ocupação e, se fossemos sobreviver esperando dações do INCRA não existiria nenhum assentamento no sul e sudeste do Pará ou talvez no Brasil.

(Dona Raimunda, 29 de janeiro de 2004).

1.3 – A Organização do Acampamento

A organização é feita em grupos, segundo o depoimento de uma militante, se organizam grupos. Os grupos possuem os seus coordenadores, o grupo é responsável pela organização do acampamento e também pela organização do trabalho de seus componentes,

ou seja, das famílias. Entre os grupos também se organizam os setores que são prioridades num acampamento do MST: setor de segurança, de disciplina, de saúde, etc. O setor de saúde vai trabalhar na prevenção de doenças; a questão da higiene, da limpeza do local, construção de sanitários. O setor de educação é que faz, num primeiro momento um levantamento de quantas pessoas crianças/adultos não sabem ler. E o setor de segurança é responsável pela guarda do acampamento porque "ninguém sabe a que horas o inimigo pode atacar", diz Dona Raimunda, militante do Movimento.

1.4. – O acampamento e os desafios

Historicamente o Pará é palco de diversos conflitos marcados por questões fundiárias, e isto é claramente exposto pela mídia. De um lado estão os fazendeiros, donos de grandes extensões de terras, empresários, grileiros, que de uma forma ou de outra se apoderam das maiores áreas de terras agricultáveis da região e com seus projetos mirabolantes esmagam o pequeno produtor rural.

Em respostas a esse processo de concentração da terra em mãos privilegiadas é que os trabalhadores se unem e saem em defesa da Reforma Agrária, com o intuito de garantir a sua sobrevivência como trabalhador rural.

Essa é a luta maior encarada pelos movimentos sociais e, em especial pelo MST. O MST encoraja todo trabalhador ultrajado pelo latifúndio a engrossar as fileiras dos defensores populares da terra e a saírem na calada da noite para cumprirem o ritual de libertação da terra das garras do latifúndio.

Assim aconteceu na Fazenda Cabaceira: homens, mulheres e crianças de vários locais do Estado: São João do Araguaia, Repartimento, São Domingos do Araguaia (Cuxiú), Itupiranga, Marabá, Araguatins, etc. realizaram a ocupação com o objetivo de ficar na terra e torná-la produtiva.

Desde a ocupação o acampamento vem se fortalecendo a cada dia, com o cadastramento de novas famílias, em substituição a algumas que desistem, a comunidade cresce e ganha força. Hoje o acampamento 26 de março já tem uma escola regularizada pela Secretaria Municipal de Educação, o que respalda a continuidade na luta pela terra. A comunidade acampada é bem menor hoje em relação ao número de famílias que tinha no início, mas, com base nas minhas pesquisas, percebi que ela está se organizando, pois já possui uma escola autorizada pela Secretaria Municipal de Educação, possui igrejas, realiza diversas atividades produtivas, etc. Todos os adultos trabalham na roça, alguns trabalhadores que não tem roça prestam trabalho para os que as tem e dizem que esta é a prática do trabalho coletivo. Outros dizem, ainda que a coletividade é marca do movimento.

O setor de educação do MST defende que a educação do sem-terra está pautada em ações que envolvam a coletividade:

"A educação do sem-terra do MST, começa com o enraizamento numa coletividade que não nega o seu passado, mas projeta um futuro que eles mesmos poderão ajudar a construir. Saber que não está mais solta no mundo é a primeira condição da pessoa se abrir para esta nova experiência de vida. Não é este o sentimento que diminui o medo numa ocupação, ou faz enfrentar a fome num acampamento? Por isso para nós o coletivo não é um detalhe, é a raiz de nossa pedagogia".

(Caderno de Educação nº 9)

Além de trabalhar na roça alguns acampados praticam o comércio, a troca de produtos agrícolas, a prestação de serviços e há os trabalhadores que trabalham com horta, este trabalha para si, podendo empregar mão-de-obra, mas o produto do trabalho é só seu. As crianças e jovens, além de estudar, que é uma obrigatoriedade no acampamento, toda criança e jovem devem estudar. Algumas crianças vão à roça sazonalmente, mas não são todas as crianças que trabalham na roça, pois nem todos os pais têm roça. Alguns pais vendem milho (assado e cozido) à beira da rodovia e prestam outros serviços; então os filhos desses não trabalham na roça.

Foto 3 - Comércio no acampamento



A figura 3, de março de 2005, mostra um tipo de atividade que vem sendo praticada, até o período da pesquisa, no acampamento por 4 (quatro) famílias. O garoto em detalhe chama-se Júnior que toma conta do comércio pela manhã e vai para a escola no período da tarde.

A sazonalidade do trabalho juvenil na roça é peculiar ao período do ano e à constituição de cada família. Muitos jovens, por exemplo, abandonam a escola no período da colheita do arroz, pois no calendário do ano letivo da escola não está incluído esta possibilidade de os alunos terem uma espécie de recesso no período da colheita, mas, durante entrevista, uma educadora da escola do acampamento afirmou que os alunos que deixam a escola em virtude da colheita são resgatados por iniciativa dos próprios professores. Mas as crianças só se afastam da escola quando a família tem poucos adultos e não pode pagar agregados, então, recrutam-se os jovens que desistem da escola não porque vão se mudar do acampamento, mas por dois motivos principais; se ele estuda no período do dia e o horário escolar coincide com o horário de trabalho, ou se ele estuda à noite ao fim do dia ele chega do trabalho esgotado e não encontra forças para ir à escola.

E mesmo as pessoas adultas são convidadas a ir à escola, pois, o MST tem por principio que todo acampado tem direito à educação, à escola, para que tenha consciência de sua luta. Então existe no acampamento o programa de escolarização de jovens e adultos.

1.5. O Trabalho como fonte do saber

0000

00000

O trabalhador rural vive intimamente ligado à terra pois, dela necessita para viver e se reproduzir enquanto ser vivente e como categoria social. Portanto, a conquista da terra é o maior desafio na vida deste indivíduo.

A fonte primeira no processo de elaboração de conhecimentos é o ser humano na sua atividade real, daí a afirmação de que aquilo que os homens são depende em grande parte das condições materiais de sua produção. Refletindo sobre essa questão, Gramsci (1978) lembra que o trabalho: "É a forma própria através da qual o homem participa ativamente na vida da natureza, visando transforma-la e socializá-la cada vez mais profunda e extensamente" (in Damasceno, 1993 pp. 53, 54)

Logo, o saber social é um saber gestado no cotidiano do trabalho e da luta camponesa, é a expressão concreta da consciência desse grupo social; um saber que é útil ao trabalho, aos enfrentamentos vividos cotidianamente pelos camponeses.

Quando me propus a fazer pesquisa em educação, já tinha clareza de sua importância e de sua posição frente à estrutura política, econômica e social de uma sociedade. Muitas coisas são especuladas acerca do papel da educação e de como ela deve ser conduzida em beneficios da qualificação das camadas populares. É imprescindível destacar o aspecto qualitativo da educação, porque é ele que conta em grande parte para o desenvolvimento social e intelectual de uma pessoa, embora o que se percebe muito claramente é a grande preocupação do Estado com as estatísticas apresentadas pela educação no panorama nacional.

É válida, hoje, a tenaz luta travada por alguns segmentos da sociedade em prol deste modelo de educação que privilegie os aspectos qualitativos da formação humana. Neste trabalho, entretanto, quero enfatizar a educação praticada nas comunidades rurais. Há um modelo educacional atuando no campo. Em geral, este modelo segue as determinações de um modelo maior no qual está inserido. É importante deixar claro o "caráter de classe" do saber

social, o que significa dizer que o saber trazido pelos agentes educacionais traduz-se em "saber social" na medida em que é apropriado e incorporado pelo camponês em função da sua prática social e dos seus interesses de classe.

Ao longo do tempo o processo evolutivo deu à espécie humana uma enorme capacidade de dominar um vasto ramo de conhecimento. SPEYER, (1981) destaca, em seu livro Educação e Campesinato: uma educação para o homem do meio rural, que o homem é um ser que se relaciona. O homem se relaciona com o mundo à sua volta e mais distante, posto diante da natureza ele primeiro a conhece. A partir do conhecimento surge a ação e o homem, agindo sobre a natureza, a transforma e a conquista através do trabalho. E quando em contato com outros homens, ele comunica a estes a ação que operou sobre a natureza. Surge daí o processo de iniciação de formação de cultura de um grupo humano. Speyer, (1981) diz ainda que: "O conhecimento subjetivo, característico do homem isolado, não é cultura senão em sentido antropológico enquanto não houver comunicação com outros seres humanos. Transferir de geração em geração este conhecimento, que se torna objetivo pela aceitação coletiva, é o mesmo que transferir cultura ou fazer educação". (p.13)

0000000

00000

000000

Existe nesse contexto da relação homem-trabalho um conjunto de saberes mediado por um terceiro fator: a natureza. Todo o conhecimento acumulado pelo homem, historicamente, é produto de seu contato direto ou indireto com a natureza. Assim, a fonte do conhecimento é a própria natureza, sendo o trabalho o modo de o homem apreender esse conhecimento e praticá-lo na relação com seus semelhantes.

Deste modo, estando um acampado na roça, na horta, na casa de farinha, no rio, na mata ele está passando por um processo contínuo de ensino-aprendizagem dos saberes intrínsecos à sua cultura e ao grupo no qual está inserido. Por exemplo, nada mais é tão importante para um agricultor acampado do que saber a época certa do plantio e da colheita são os fatores decisivos no processo produtivo e, convenhamos todo agricultor sabe quando começar os trabalhos da roça. Nenhum agricultor familiar precisa fazer fantásticos cálculos matemáticos com uso de papel, caneta e calculadora para saber quantos volumes de arroz irá colher na sua roça, pois a sua prática lhe dá essa experiência.

O homem molda o meio e é moldado por ele, então, os agricultores têm aquilo que lhes possibilite viver em harmonia com o seu meio, quer dizer, ainda falta alguma coisa mais importante; falta-lhes a terra. Mas, a terra existe, só não existe para o trabalhador, mas está aí concentrada nas mãos de uma minoria e o trabalhador não precisou ir a escola para saber o que fazer para conquistá-la.

O trabalhador sabe que somente com garra e coragem pode vencer a luta contra o latifundiário opressor e sabe mais que somente a posse da terra lhe devolverá a dignidade arrancada pelo modelo de concentração fundiária que reina nesse país.

Os trabalhadores rurais tem o sentido de sua realidade, para capitá-lo e interpretalos torna-se necessário, aprender com eles como vivem, como produzem suas concepções, desvelando assim sua mentalidade, suas novas direções e perspectivas.

1.6 - O trabalho como agente socializador

Ao realizar um trabalho, coletivo ou individual o homem estabelece contatos com objetos, coisas, pessoas e assume diante destas diferentes posições; seja obedecendo a leis e regras, seja fazendo um determinado juízo dos mesmos ele obedece a padrões préestabelecidos pelo conjunto da sociedade. Mas o trabalhador rural, e em especial o Sem Terra, constitui uma categoria com características conflitantes com alguns segmentos do modelo atual de sociedade, como por exemplo, aqueles que vêem no corpo desta categoria – os trabalhadores da terra – uma ameaça à ordem estabelecida.

Hoje presenciamos em todo o mundo a existência de uma grande diversidade de culturas. Há uma variedade de grupos humanos, cada um com o seu modo de vida: os costumes e hábitos são característicos a cada agrupamento humano. Em cultura: um conceito antropológico, Laraia (1986) trata da discussão de um dilema: a conciliação da unidade biológica e a grande diversidade cultural da espécie humana. Ele cita que: "Apesar de Confúcio ter, quatro séculos antes de Cristo, enunciado que a natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantém separados". (p. 10).

Ainda sobre a cultura é importante destacar a contribuição de Brandão, (1940):

"(...) Qualquer que seja a situação de um grupo popular, ele possui o seu saber: a) suas técnicas de vida de trabalho; b) suas normas culturais de comportamento nas relações sociais; c) sua ideologia, ou seja, o seu modo próprio – embora imposto por outras classes sociais – de compreender o seu mundo e participar na sociedade. Muitas vezes, é a este conjunto de conhecimentos de povo que se dá o nome de cultura popular". (p.29 citado por SPEYER, 1981:91).

Em qualquer atividade que façamos somos obrigados a ter esta atenção quanto à nossa conduta e comportamento, que determinam o grau de socialização sob pena de sermos taxados de inúmeros adjetivos que nos exclui de um círculo restrito da sociedade.

Assim acontece, rotineiramente, com aqueles que, por conta da escassez de recursos que afeta seriamente a sua sobrevivência e a de suas famílias como emprego, educação, moradia, alimentação, segurança e outros, são levados a morar em um acampamento do MST em busca de um pedaço de terra. Rapidamente, parte da sociedade taxa este como todos os outros que ali se encontram de uma série de termos depreciativos assim como "preguiçoso".

Mas o que quero dizer é que o trabalho ainda é uma marca forte dessas pessoas que lutam e trabalham para mudar essa condição de vida que tentam lhe impor. Admito, a partir dos dados pesquisados e da curta vivência no acampamento, que dentro do mesmo há pessoas que não dispensam o mesmo compromisso e seriedade para com os ideais da luta trabalhista, não abraçando a causa com os princípios que a regem, fazendo com que muito da história e da identidade do movimento Sem Terra fique desacreditadas por parte da sociedade civil.

1.7 - A Cultura dos sem-terra

Foto 4 - Acampado trabalhando



Na foto 4, de março de 2005, temos um exemplo claro de empenho e trabalho dos acampados em prol de vitórias na terra e a conquista de suas dignidades. A foto mostra o Sr. Jonas transportando palhas para cobrir um barraco.

"Sem terra" deixa de ser categoria social, para torna-se nome próprio, quando identifica um grupo social que decidiu ser sujeito para mudar de condição social através da organização política, forjando daí sua própria identidade, com ideologia e valores.

Há uma mistura profunda entre gente, terra e ideologia, na medida em que a caminhada provoca o encontro do ser homem com o ser terra. São dois corpos físicos materiais que possuem características e identidades que agora irão resgatar reciprocamente a história das duas existências.

Embora sejam corpos físicos é preciso entender que não são apenas matéria. Tanto o homem quanto a terra possuem aspectos que vão além das aparências as coisas visíveis e tocáveis como totalidade das coisas materiais. Nelas e dentro delas, há coisas que se pode tocar e coisas que não podemos tocar, mas existem.

"Cada um sabe, com efeito, que há na realidade coisas que podemos ver, tocar, medir são chamadas materiais. Por outro lado, há coisas que não podemos ver, nem tocar nem medir, mas que, nem por isso, deixam de existir como as idéias, os sentimentos, os desejos, as lembranças etc; para exprimir que não são materiais diz-se que são idéias. Divide-se, assim, tudo que existe em dois domínios: o material e o ideal. Pode-se, também dizer, de maneira dialética, que o real apresenta um aspecto material e um aspecto ideal". (Georges Polítzer. Princípios fundamentais de filosofia p. 108).

Resta entender qual é a parte visível que se pode tocar e qual é a parte invisível da terra intocável, mas que podemos sentir e que por isso mesmo existe. Assim também se deve proceder com o ser humano.

A terra em sua origem é a energia que se transforma em potencial de ser mãe e gerar a vida de todas as espécies, sem se preocupar com a convivência entre ambas, mas oferecendo com seu sopro alimento para todas elas sem distinção. Na medida em que as espécies não compreendem os ciclos da própria existência e se destroem, a culpa não é da terra, mas dos desequilíbrios das próprias espécies, por não saberem conviver no mesmo espaço. As que conseguem locomover-se buscam alimentos, retirando-se, andando por sobre a terra à procura de um espaço diferente. Para as espécies em deslocamento, poderá haver variação de clima, solo e temperatura, para a terra não. Ela se estende como um imenso tapete colocado dentro da casa do universo, que se compõe de diferentes repartições. Os seres vivos que se deslocam é que vão da sala para o quarto, ou da sala para a varanda deste universo, mas todos os cômodos fazem parte da mesma casa. (Ademar Bogo: O MST e a cultura)

A base para análise da cultura do Sem Terra é, a groso modo, os elementos do seu cotidiano; as atividades produtivas, as relações pessoais e suas motivações. Nesse diálogo com a vida local é possível obter uma aproximação que nos habilite a descrever momentos dessa cultura.

Durante a minha estadia no acampamento, pude perceber que o sem-terra do MST é aquele que levanta cedo e sai para lavrar a terra, mas também é aquele que luta pela posse da terra, por escola, por qualidade de vida e por dignidade humana.

CAPÍTULO II

1 - A ESCOLA CARLOS MARIGUELA

Foto 5 - Escola do acampamento



Na foto, temos uma vista frontal da escola Carlos Mariguela. De acordo com o depoimento da secretária da escola até 2004 e de alguns professores, ter uma escola legalizada foi uma importante vitória dos acampados e é a garantia de que o acampamento vai resistir e progredir à condição de assentamento. Sem duvida, os maiores beneficiados com essa escola serão os acampados e seus filhos que terão uma escola que atenda as suas necessidades.

Voltemos essa discussão para o tema que trata este estudo. Para Speyer (1993): "A educação no meio rural deve subordinar-se a cultura do campesinato brasileiro, pois a cultura é, ao fim e ao cabo, a prática da humanidade, a conversação indefinida dos homens uns, a comunidade de linguagem". (p. 30)

Mas em se tratando de educação, ela acontece em todos os ramos da sociedade é praticada de diversas formas e, segundo Brandão (1940) tem muitos nomes: educação popular, educação de base, educação de adultos, educação comunitária, educação permanente, e aí há coisas e intenções, semelhantes e até opostas. Para Brandão citado acima, nesse emaranhado estão escondidas idéias iguais com rótulos diferentes e idéias diferentes com rótulos iguais. Há projetos e, sobretudo há propósitos, muitas vezes opostos que se cobrem das mesmas falas e, com palavras que pela superficie parecem apontar para um mesmo

horizonte, procuram envolver as mesmas pessoas, prometendo a elas mudanças nas suas vidas ou em seus mundos.

Historicamente a educação é encarada como objeto de promoção popular, ou seja, uma educação voltada especificamente para classes populares possibilitará o seu desenvolvimento e progresso. *Em Pensar a prática*, Brandão (1990) escreve:

"Ora, dentro de uma relativa e progressiva oposição a esse tipo de trabalho de promoção popular através da educação, os programas que a partir dos anos 60 inauguraram no Brasil a Educação Popular (Com um marcado outro sentido ideológico para 'Educação' e, sobretudo, para 'popular') combinam tipos de pessoas, tipos de idéias e, aos poucos, tipos de práticas diferentes. A igreja católica, alguns setores da Universidade e vários organizados do estudantado aprendem uma outra gramática — dos humanistas cristãos franceses às teorias do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) — e comprometem o trabalho com o povo através da Educação Popular e da Cultura popular de outros sentidos pedagógicos e de outros propósitos políticos". (p. 45).

speyer (1981) discute que a educação encarada como processo histórico e ligado a um contexto global faz com que a análise do sistema de educação rural só possa ser significativa se focalizado em relação ao processo de desenvolvimento e ao sistema global de educação. É necessário, pois, compreender que o desenvolvimento do meio agrícola não se dá de maneira autônoma, mas de modo fortemente condicionado pelo sistema maior em que está inserido. Desta forma Brandão, citado em Speyer, enfatiza o não isolamento das comunidades humanas:

"É, pois, necessário que os programas de educação popular não só partam dos valores e das necessidades das camadas populares, mas também que lhes proporcione o instrumental básico para atuar na sociedade global. Isto porque as comunidades humanas não são isoladas: "... Uma educação popular deve partir dos projetos populares de atualização social (...) deve começar pelo próprio conjunto de valores e conhecimentos populares (...) devem instrumentalizá-los com os valores e conhecimentos de crítica e de organização ". (p. 29).

Os grupos populares e, em especial, as comunidades campesinas, objeto de estudo deste trabalho, possuem os seus saberes intrínsecos ao mundo onde vivem, motivados pelo ambiente onde produzem e reproduzem, através de interações de indivíduos, os elementos da vida em sociedade. A cultura educacional do homem que habita o meio rural é fortemente marcada por símbolos através dos quais flui o saber e o ensino do saber.

Brandão (1989) fala de saberes existente e de sua transferência a gerações futuras mediante o trabalho ritual:

"Há um movimento em que o devoto torna-se um artista-devoto, seguindo a trilha da descendência da família, ou então 'encostando' em uma equipe de trabalho ritual de catolicismo popular, o lavrador acrescenta a vida rotineira da lavoura e de outros cuidados das estratégias de sobrevivência, o exercício, o conhecimento e a identidade que um tipo de trabalho simbólico ao mesmo tempo exige e atribui, no interior das estruturas sociais de trocas comunitárias do campesinato". (p.97).

Em continuidade ao estudo, vamos tratar agora do espaço onde ocorre um tipo institucionalizado de educação: a escola.

Daves & Gatti, (1993) escreveram em *Educação e Escola no Campo* que é no seio da escola que se encontra uma das muitas possibilidades de entrelaçamento dos processos individuais e histórico-sociais envolvidos na construção do conhecimento (...). Analisar a relação entre os processos individuais e os processos sociais que têm no cotidiano da escola não é tarefa simples. Da mesma forma que não é possível supor a equivalência entre a normatividade oficial e a prática pedagógica em sala de aula, não é possível também partir do pressuposto de que existe equivalência entre aquilo que é, de fato, apreendido.

Em nossa sociedade aquele que têm o conhecimento o utiliza para diversos fins: há aqueles que utilizam um conhecimento elitizado como instrumento de dominação sobre outros despidos de tal conhecimento. Acompanhemos um trecho do discurso de Voltaire em recomendações ao rei da Prússia em 1757:

"A canalha (as massas) é indigna de ser esclarecida (...) é essencial que haja cozinheiros ignorantes (...) e o que é de lei é que o povo seja guiado e não que seja instruído". (in Ponce, A. Educação e lutas de classes. Lisboa, Veja-p.175).

Mas os governantes e a moderna burguesia, por esclarecimento ou por pressão do povo "ignorante", tiveram que seguir as recomendações que na mesma época fazia Diderot à Imperatriz da Prússia, defendendo a instrução para todos: "É bom que todos saibam ler, escrever e contar, dizia ele, desde o primeiro-ministro ao mais humilde dos camponeses". E justificava: porque é mais dificil explorar um camponês que sabe ler do que um analfabeto. (in Ponce, A. Educação e luta de classes. Lisboa, Veja. P. 175).

Em contraposição institui-se a escola que ensina uma educação para o povo, a chamada educação popular. Em Speyer (1993), cita-se que as várias tentativas de reformas educacionais da primeira República não lograram grandes êxitos. As estruturas sociais e econômicas não lhes deram apoio por verem nelas ameaça à sua estabilidade, já que tais tentativas não eram pautadas nos valores e padrões da mentalidade aristocrático-rural. E, de acordo dom Chagas, os valores educacionais dessa classe eram bem definidos e tinham objetivos próprios: "Esta orientação predominantemente literária de uma instrução preparatória para o nível mais alto, sem endereço para a vida, era a expressão de uma escola montada com o propósito exclusivo de qualificação social". (apud SPEYER, p.71).

Acompanhemos o depoimento de uma educadora do MST acampada desde o início do acampamento 26 de março, sobre o nascimento da escola.

"A escola passou por várias tentativas de iniciação né! Quando fizemos a primeira ocupação já começamos a levantar um barração coberto de palha, que foi queimado após o despejo feito pela polícia. Quando retornamos continuamos as tentativas de instalar a escola porque era uma necessidade, repito, pelo grande número de crianças e adultos que ali existia. Portanto, na ocupação definitiva em 1999 conseguimos instalar a escola. Construímos um outro barração com madeira retirada da área ocupada e coberto de palha. As pessoas que lecionavam eram voluntárias, não eram formados, tinham a 4ª e 5ª série e estavam

contribuindo com as crianças, na medida em que socializaram os seus conhecimentos. Então, assim começamos, num barraco coberto de palha feito pela comunidade. A escolinha era feita de pau-a-pique; os bancos eram feitos de tronco de açaí. Em 2002 a SEMED (Secretaria Municipal de Educação) construiu o novo prédio, feito de tábua e coberto com telhas. Então, nós mudamos a escola para esse novo lugar de melhor estrutura. No início, começamos dando aulas de 1ª a 4ª série. A escola foi dividida em pequenas salas de aula, tinha uma outra repartição, onde funcionava a secretaria. A escola funcionava contando com doações dos materiais escolares: papéis, giz, quadro-negro, material de secretaria. Todos os setores contribuíam para o funcionamento da escola, mas o setor responsável pela escola é o setor de educação. As pessoas do setor de educação são responsáveis não para fazer a educação, mas para pensar a educação do acampamento: o seu funcionamento, a distribuição de tarefas que no início eram realizadas por voluntários".

(Dona Raimunda, 29 de janeiro de 2004).

1.1. Os Compromissos da Escola Carlos Mariguela

Hoje, quando analisamos a atuação da escola no ato de cumprir com a função que a ela é designada: de formar um indivíduo potencialmente capaz de viver numa sociedade marcada por intensos conflitos: na política, na educação e nas relações sociais de modo geral como as denúncias de corrupção no Congresso Nacional e de desvio de dinheiro público, como as reivindicações dos servidores públicos municipais, estaduais e federais e, em especial os da área da educação, por melhores salários, como a onda de violência que invade as nossas ruas e etc. Nesse contexto, percebemos o quanto é importante lutar pelo resgate da instituição escolar e dos valores que nela são produzidos.

Desta forma, quero destacar a grande importância do processo de escolarização realizado no acampamento 26 de março, pois é uma tentativa de resgatar as pessoas, jovens e adultos da lamentável situação de analfabetismo em que foram mergulhados pelo nosso desajustado sistema educacional. Através da pesquisa pude perceber a existência de uma grande quantidade de jovens e adultos com baixíssimo grau de escolaridade. Durante o período de uma semana que permaneci no acampamento e nas visitas esporádicas entrevistei um grupo de 20 pessoas adultas (entre pais e mães), no qual 90%, aproximadamente, dos

entrevistados são analfabetos ou analfabetos extremos: estes nunca foram à escola ou a freqüentaram por até um ano ou dois, não tendo aprendido sequer escrever o próprio nome; aqueles freqüentaram a escola até a 2ª e, no máximo, a 3ª série.

Para estes agricultores, um dos principais obstáculos em suas curtas carreiras escolares e que lhes impediu de se alfabetizarem foi o fato de serem filhos de agricultores e morarem na roça e por não terem oportunidade de estudar herdaram dos pais esse oficio de lavrar a terra. Mas hoje todos eles acreditam que o filho de um agricultor rural deve ir à escola se quiser "se dá bem na vida".

Da mesma forma que pensam os pais e alunos acampados e estudantes da escola Carlos Mariguela, os seus educadores também acreditam que somente através da educação e do desenvolvimento da escola será possível mudar esse quadro de descaso porque passa o trabalhador rural, especialmente. O MST, através da escola, quer alfabetizar jovens e adultos para que possam ter consciência do seu papel na sociedade e não se deixem alienar por esse modelo atual de sociedade, mas que tenham o senso crítico, um posicionamento político frente aos problemas de seu tempo. Esse é o compromisso maior de uma escola de acampamento: transformar os trabalhadores em sujeitos inalienáveis.

1.2. A Escola dos Filhos

É de se imaginar que os alunos de uma escola rural que habitam, também, a zona rural e que já atingiram uma determinada idade, maior que 12 anos, tenham o dia todo preenchido com alguma atividade produtiva. É de se imaginar ainda, que este jovem tenha as seguintes obrigações: ele estuda no período do dia, manhã, ou tarde e trabalha na roça ou outra tarefa similar se for homem ou se encarregar das tarefas caseiras se for mulher. Mas, em ambos os casos o que há de semelhante são os objetivos que norteiam o futuro de uma família rural.

Na maioria das vezes os filhos de trabalhadores rurais analfabetos, aqueles que nunca foram à escola ou que foram por um ano ou dois, tendem também ao caminho do analfabetismo ou tem uma vida escolar efêmera. Isto está fortemente ligado à cultura dos agricultores rurais que, por práxis são premiados com uma escolinha com o mínimo de estrutura e descontextualizada do local onde pretende atuar. E ainda a chamam de escolinha rural, uma instituição que mesmo atuando no meio rural pratica um ensino marcadamente urbano.

Eis os motivos que determinam o final precoce da carreira escolar dos jovens agricultores: a própria escola, que atuando no campo com um modelo tradicionalmente urbano de educar provoca um desencontro de realidades: a do trabalhador rural e a inexistência de escola com educação rural. É mais que pertinente neste trabalho caracterizar a expressão "Educação rural" ou "Educação do campo". Como foi citado na introdução deste trabalho, eu participei, em abril de 2001, da 1.ª Conferência sobre Agricultura Familiar do Sul e Sudeste do Pará, que aconteceu na EFA em Marabá. A educação no campo foi um ponto discutido na pauta do encontro em que foi defendido por representantes políticos e lideranças sindicais como a FETAGRI, o MST, etc., uma política educacional que privilegie as necessidades de sua clientela, ou seja, o trabalhador rural. Nesse debate foram confrontadas duas expressões distintas: a "Educação no campo" e "Educação do campo".

Das considerações sobre a educação no campo obteve-se a seguinte definição: A expressão "Educação no campo" faz referência ao modelo educacional praticado nas escolas urbanas, ou seja, é uma educação transferida para as escolas rurais com metodologias, conteúdos e objetivos inerentes às escolas da cidade. Em relação à educação do campo definiu-se como uma educação própria de uma escola do campo, uma educação genuinamente rural, que seja pautada nas necessidades reais dos agricultores e de seus filhos.

No acampamento 26 de março encontramos a escola Carlos Mariguela que atende a crianças, adolescentes, jovens e adultos. De acordo com pesquisas realizadas no local, podemos dizer, com base no conteúdo, na estrutura física da sala de aula e na metodologia

enquanto parte do nosso sistema educacional, não vem cumprindo eficazmente a função a que está determinada: a de inserção e integração social. A escola que temos hoje age como reprodutora do modelo servil de sociedade. Lambert (1981), citado em Speyer escreve o seguinte:

"O sistema de ensino adotado por essa sociedade era duplamente aristocrático: aristocrático no espírito, por que na ausência de uma numerosa classe média, procurava satisfazer a necessidade de cultura de um número muito pequeno de indivíduos pertencentes à classe dos grandes proprietários rurais ou a ela ligados e, aristocrático nos métodos, porquê era proporcionado a um pequeno grupo que lhe podia arcar com as despesas e não procurava no ensino um meio de ascensão social". (p. 200).

Mas a atividade política realizada pelo MST, FATAGRI, ONG's, UFPa, CPT e outros programas de educação, vem contribuindo para a mudança desta realidade no Pará. Esses órgãos programam políticas educacionais que atendam os interesses das comunidades.

Teoricamente, a escola Carlos Mariguela, assim como todas as escolas de acampamento e assentamentos do MST, tem a importante função de educar os filhos dos trabalhadores acampados ou assentados no sentido de preservar e fortalecer as ideologias, a indignação, o sentimento de revolta frente às injustiças e, acima de tudo, torna o trabalhador rural numa pessoa esclarecida. Assim dizem os componentes do setor de educação do préassentamento 26 de março.

Mas o que pensam os educadores da escola Carlos Mariguela a esse respeito?

Durante entrevista com uma educadora obtive informações que há divergências no que se refere à maneira da escola conduzir o seu projeto educacional e os objetivos de alguns educandos que se desencontram na medida, como mostram os dados da pesquisa, em que faltam ações concretas em relação ao que é proposto no projeto educacional da escola e da educação de modo geral.

Em seu depoimento a educadora relatou que um determinado educando que cursava a 7ª série expressou sua insatisfação quanto ao fato de ela, a educadora, vir abordando na aula temas relacionados ao acampamento, ao movimento Sem-Terra e etc, então a educadora, que está trabalhando na escola há dois anos e meio e morando no acampamento há um ano, entende que o trabalho que a escola vem realizando no acampamento está deixando a desejar, uma vez que há educandos que não se incluem na condição de trabalhadores rurais sem terra, ou melhor, eles se negam a se autodenominarem Sem Terra, pois tem vergonha de sê-lo.

Acredito segundo dados da pesquisa, que não haja grandes dificuldades em se entender essa posição tomada pelo aluno, visto que a maioria das famílias que hoje estão acampadas no acampamento 26 de março morava na cidade antes de vir, portanto os seus filhos já estudavam na cidade e se habituaram ao modelo urbano de escola. O ensino escolar urbano foi o primeiro a que tiveram contato. E agora, quando estão acampados, ainda pensam que é aquele modelo que deve ser praticado: "não é porque você está em um acampamento que você não tem direito a aprender as mesmas coisas que é ensinado na cidade, temos que estudar as mesmas coisas que as pessoas da cidade estudam, somos lavradores mas não temos que ser atrasados, temos que saber ler e escrever, né!" — diz uma aluna acampada.

Este é outro esclarecimento a que se propõe este estudo: descrever as ideologias dos acampados. Observemos os pontos de vista de dois alunos de uma turma da EJA de 4.ª Etapa: um acampado de 25 anos e uma acampada de 29 anos. Quando lhes perguntei sobre a importância da escola em suas vidas, o entrevistado, que é militante, respondeu que a escola é a base da formação do Sem Terra, a formação política especialmente, que visa instruir o trabalhador para enfrentar a luta contra as injustiças praticadas pela sociedade de modo geral. Sobre a mesma questão, a entrevistada, que não é militante, disse simplesmente que a escola é importante porque vai ensinar os acampados a ler e escrever. Percebe-se claramente que os discursos são bastante diferenciados de acordo com as intenções. Em demais conversas com outros militantes e outras pessoas não militantes percebi essa mesma situação, em que os ideais de educação são voltados para interesses que venham satisfazer unicamente as ideologias defendidas por cada um, dentro do grupo a que pertence: o sem-terra, no sentido estrito do termo, anseia por uma educação que atenda a seus objetivos enquanto trabalhador

que busca seus direitos enquanto cidadão – leitura e escrita –, como também prima por uma educação que o habilite na luta pela conquista de melhores condições de trabalho, posse da terra e justiça social.

1.3 - A Escola e a roça dos adultos

Damasceno (1993) traça algumas considerações em torno do saber social: "É importante reconhecer que o trabalho constitui a prática social fundamental, posto ser através dela que os homens atuam sobre a natureza e o mundo social modificando-os e, simultaneamente, modificando a si próprio nesse processo". (p.53)

Por isso, torna-se necessário captar e interpretar o sentido que os próprios camponeses têm de sua realidade, aprender com eles como vivem, como pensam, como produzem suas concepções, desvelando assim sua mentalidade, suas novas direções e perspectivas. Geertz, (1997), enfatiza que o trabalho não é a única forma de os homens produzirem e transmitirem suas concepções:

(...) o sentimento que um povo tem pela vida não é transmitido unicamente através do trabalho. Ele surge em vários outros segmentos da cultura deste povo: na religião, na moralidade, na ciência, no comércio, na tecnologia, na política, nas formas de lazer, no direito até na forma em que organizam sua vida prática e cotidiana". (p.145).

Para Therrien (1993) a luta pela escola é a luta por saber! Nesse *lócus* de mediação do saber, cujo cenário pode ser representado até embaixo de uma árvore, os tradicionais personagens — o professor e o aluno — envolvem-se numa relação pedagógica na qual conteúdos e métodos se articulam para um mesmo fim: a apropriação de vários saberes que vêm a constituir um novo saber que integra a práxis de cada um e o seu modo de pensar o cotidiano. Processa-se um saber social, embora cada sujeito tenha um modo diferenciado de se apropriar deste.

O saber é de certa forma apropriada pelo homem. Isso indica que saber é algo social e historicamente construído. Devemos perguntar, portanto: O que é saber social? Em segundo

lugar, o *lócus* da relação pedagógica aí expressa é a escola como instituição também socialmente construída: mas o que significa construção social da escola?

Em resposta à primeira pergunta, acompanhe a definição de Grzybowski citado em Therrien:

"A noção de saber social expressa 'o conjunto de conhecimento, habilidades, valores e atitudes produzidas pelas classes, para dar conta de seus interesses. Trata-se do saber que identifica e unifica uma classe social, dá-lhe elemento para se inserir em uma estrutura de relações sociais de produção, para avaliar de tais relações e, enfim trata-se de um saber instrumento de organização e de luta". (p. 47).

Em relação à segunda questão expressa logo acima, Therrien (1993), enfatiza:

"Uma compreensão ampla dos elementos em discussão, quando situado no conjunto do movimento social que caracteriza a luta dos camponeses, permite vislumbrar o processo de construção social da escola do trabalhador no campo (...) Assim emerge a escola que atende aos interesses do trabalhador manifestados nas suas lutas sociais. É a escola que se apropria do saber social integrando-o ao saber escolar necessário à formação do cidadão, capacitando-o para o exercício dos seus direitos e deveres na luta para a transformação não apenas de suas condições de vida como da própria sociedade que o oprime". (p. 48-9).

Com relação ao grau de estudos, com exceção de dois ou três, os demais pais com quem realizei a pesquisa no acampamento 26 de março, num grupo de 15 pais, estudaram somente até a 1ª, 2ª, 3ª série e raramente até a 4ª série. O principal motivo que os impediu de seguir nos estudos – diz a maioria – foi a sua condição de trabalhador rural. Todos os pais desse grupo afirmaram ter origem rural, que os seus pais eram agricultores familiares. Nesse tipo de agricultura todo o trabalho é pautado na mão-de-obra dos membros da família, sendo um fator determinante para uma boa distribuição da força-de-trabalho familiar o maior número de membros em idade de trabalho que tiver a família.

Então, os pais de hoje, em sua época de crianças e jovens, foram recrutados cedo, para compor a força-de-trabalho da família tendo, assim, que cumprir o tempo-escola e o tempo-trabalho. Alguns pais entrevistados admitem ter sido esse um dos motivos e talvez o determinante do seu fracasso escolar na época. Outros afirmam que o trabalho na roça também atrapalha a sua vida escolar, mas o que faltou mesmo foi interesse de sua parte, pois mesmo na escassez de mão-de-obra eles atestam que os seus pais nunca os tiraram da escola para só trabalharem.

Outro fator relevante, para se compreender melhor o que foi discutido até então, é o fato de que algumas das famílias desses agricultores não tinham propriedades suas para trabalhar, uns tinham um pequeno pedaço de terra, mas outros trabalhavam de agregados em fazendas que, às vezes, tinham escola na própria fazenda, às vezes não tinham acesso a ela por fatores não bem definidos pelo entrevistado. E mesmo aqueles mais jovens cuja família tinha lote, chegava época em que eles começavam trabalhar em outros lotes em busca de ganhar dinheiro, uma vez que o trabalho com os pais só garantia a alimentação e a realização de algumas outras necessidades básicas.

O trabalho fora do lote destacava cada vez mais o jovem da escola, pois às vezes o local de trabalho era muito longe de casa e não dava para retornar ou ao fim do dia ele estava muito cansado.

0

Hoje, aqueles jovens tornam-se pessoas: homens e mulheres adultos praticantes do oficio que herdaram de seus genitores. Alguns afirmam categoricamente que sempre lavraram a terra plantando cultivando e é o que de melhor sabem fazer. Outros atestam com menos entusiasmo que não tiveram oportunidade de mudar os rumos de suas vidas, mas, aprenderam a plantar e a colher o necessário para sua sobrevivência.

Mas a ausência da escola em suas vidas enquanto jovens não tirou as esperanças que hoje alimentam, na fase adulta, de voltarem à instituição, hoje notadamente evoluída em relação à sua época de jovens em busca de um saber que lhes foi negado pela sociedade de seu tempo.

O desejo de aprender um pouco mais ou o sonho de aprender a escrever e ler o próprio nome estimula e faz com que homens e mulheres matriculem-se na escola Carlos Mariguela. A educação de jovens e adultos, um programa do governo federal destinado a reabilitar e/ou alfabetizar jovens e adultos que tiveram a carreira escolar interrompida por algum motivo de força maior como, por exemplo, a necessidade de trabalhar para garantir a sua sobrevivência e a de sua família.

Durante uma semana que passei no acampamento em fevereiro de 2004, final do ano letivo de 2003, e também no mês de março de 2005, pude ver de perto o enorme esforço que esses homens e mulheres fazem para alcançar seus objetivos. Mesmo exaustos, depois de um dia duramente trabalhado na roça, na horta, na mata, na beira da estrada vendendo milho, pamonha para viajantes, ainda encontram forças para ir à escola e lá permanecerem por 4 horas sob uma iluminação opaca por um motor movido a diesel.

Porém, em oposição ao esforço desmedido de um dia fazer parte do grupo dos assim chamados alfabetizados, esses adultos sabem que mais importante que realizar este sonho é o amor que eles têm pela vida, pelo trabalho e pelo futuro dos filhos.

1.4 - A Escola do Campo "Teoria e Prática", na experiência do MST.

1.4.1. A Concepção de Escola do MST

0

Vejamos um trecho retirado do Caderno de formação nº 9: Terra, Escola e Cidadania, o que pensa o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra sobre a educação que deve ser praticada em seus acampamentos e assentamentos.

"O MST tem uma pedagogia. A pedagogia do MST é o jeito através do qual o movimento historicamente vem formando o sujeito social de nome Sem-Terra, e que no dia a dia educa as pessoas que dele fazem parte. E o principio educativo principal desta pedagogia é o próprio movimento. Olhar para esta pedagogia, para este movimento pedagógico, nos ajuda a compreender e a fazer avançar nossas experiências de educação e de escola vinculada ao MST. A relação do MST com a educação é, pois, uma relação de origem: a história do MST é a história de uma grande obra educativa. Se recuperarmos a concepção de educação como formação humana é sua prática que encontramos no MST desde que foi criado: a transformação dos

"desgarrados da terra" e dos "pobres de tudo" em cidadãos, dispostos a lutar por um lugar digno na história. é também educação o que podemos ver em cada uma das ações que constituem o cotidiano de formação da identidade dos Sem-Terra do MST. O movimento é nossa grande escola, dizem os Sem-Terra. E, de fato, diante de uma ocupação de terra, de um acampamento, de uma marcha de uma escola conquistada pelo movimento, é cada vez mais pertinente perguntar: como cada uma dessas ações educa as pessoas? Como forma um determinado jeito de ser humano? Que aprendizados coletivos e pessoais entram em jogo em cada uma delas? A herança que o MST deixará para seus descendentes será bem mais do que a terra que conseguir libertar do latifundio; será um jeito de ser humano e de tomar posição diante das questões de seu tempo; serão os valores que fortalecem e dão identidade aos lutadores do povo, de todos os tempos, todos os lugares. É enquanto produto humano de uma obra educativa que os Sem Terra podem ser vistos como mais um ele que se forma em uma larga tradição de lutadores sociais que fazem a história da humanidade. Enraizamento no passado e projeto de futuro. A educação dos Sem Terra do MST começa com o seu enraizamento em uma coletividade, que não nega o seu passado, mas projeta um futuro que eles mesmos poderão ajudar a construir. Saber que não está mais solta no mundo é a primeira condição da pessoa se abrir para esta nova experiência de vida. Não é este o sentimento que diminui o medo numa ocupação, ou faz enfrentar a fome num acampamento? Por isso, para o MST o coletivo não é um detalhe, é a raiz dessa pedagogia. É, pois, do processo de formação dos Sem Terra que podemos extrair as matrizes pedagógicas básicas para construir uma escola preocupada com a formação humana e com o movimento da história. Mas é bom ter presente que a pedagogia que forma novos sujeitos sociais e que educa seres humanos não cabe numa escola. Ela é muito maior e envolve a vida como um todo. Certos processos educativos que sustentam a identidade Sem Terra jamais poderão ser realizados dentro de uma escola. Mas o MST também vem demonstrando em sua trajetória, que a escola pode fazer parte de seu movimento pedagógico, e que precisa dela para dar conta de seus desafios como sujeito educativo. A grande tarefa de educadoras e educadores Sem Terra que querem ajudar construir escolas do MST é se assumirem como sujeitos de uma reflexão permanente sobre as práticas do MST, extraindo delas as lições de pedagogia que permitem fazer e transformar em cada escola, e do seu jeito, o movimento pedagógico que está no processo de formação da identidade dos Sem Terra, como está também na formação dos sujeitos humanos de modo geral.

1.5 - A Escola do MST

A escola do MST é uma escola do campo, vinculada a um movimento de luta social pela Reforma Agrária no Brasil. Ela é uma escola pública, com participação da comunidade na sua gestão e orientada pela pedagogia do movimento, que é, na verdade, o movimento de diversas pedagogias.

A escola do MST é aquela que se faz lugar do movimento destas pedagogias: pedagogia da luta social, pedagogia da organização coletiva, pedagogia da terra, pedagogia do trabalho e da produção, pedagogia da cultura, pedagogia da escolha e pedagogia da

alternância, desenvolvendo atividades pedagógicas, que levem em conta o conjunto das dimensões da formação humana. E uma escola que humaniza quem dela faz parte. E só fará isto se tiver o ser humano como centro, como sujeito de direitos, como ser em construção, respeitando as suas temporalidades. A tarefa dessa escola é formar seres humanos que têm consciência de seus direitos humanos, de sua dignidade. Ela não pode tratar os educandos como mercadorias a serem vendidas no mercado de trabalho. Isto é desumanizar, a eles e a todos os envolvidos nesse processo.

2. Os Educadores da Escola Carlos Mariguela

2.1. Quem são eles.

00000

Antes da realização do concurso público, em meados de 2003, os professores que trabalhavam na escola Carlos Mariguela eram escolhidos pelo movimento, através do setor de educação do acampamento. Eram pessoas que já tinham um engajamento com o movimento social – diz a secretária da escola – que já trabalhavam na educação e que fosse amigo ou simpatizante do MST. Eram formados no magistério, outros estudavam o curso do magistério que surgiu de uma parceria entre UFPa, MST e FETAGRI e coordenado pelo MST. E ainda havia professores que estudavam o curso de pedagogia na UFPa em Marabá e Pedagogia da Terra, um curso intervalar oferecido pelo MST, em Belém.

No concurso público realizado em 2003 foram ofertadas vagas para professor na zona rural. No segundo semestre de 2003 os professores aprovados no concurso foram empossados. Então alguns desses professores foram lotados na escola Carlos Mariguela que se encontra sob tutela da SEMED. Portanto, os professores que trabalhavam na escola contratados pela SEMED com influência do MST foram substituídos pelos concursados, que em sua maioria não tem ligação com o movimento, mas ainda permaneceram na escola alguns professores que antes eram contratados, mas que também foram aprovados no concurso público. Mas, ainda há professores trabalhando na escola Carlos Mariguela sob regime de contrato, são estudantes que estão concluindo o curso de pedagogia na UFPa, em Marabá.

O quadro de professores da escola Carlos Mariguela tem a seguinte estrutura: concursados trabalhando no ensino regular de 1ª a 4ª e 5ª a 7ª série. Alguns moram em Marabá e não tem ligação com o movimento. Outros são contratados e trabalham com a educação de jovens e adultos. Da mesma forma, há os que são acampados e militantes e os que moram na rua e vêm ao acampamento simplesmente a trabalho.

Foto 7 – Educadora e aluno de 5 a série



Na foto, destaca-se a Educadora Eliene lecionando em uma turma de 5° série da escola Carlos Mariguela. A professora Eliene é Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Pará e concursada pela Secretaria Municipal de Educação – SEMED – na época da pesquisa ela estava morando no acampamento.

A professora deixou claro que para o MST desenvolver, em seus domínios, um modelo de educação baseado em seus princípios é necessário que o próprio movimento forme os seus educadores.

Durante entrevista um outro professor/educador que trabalhou na escola Carlos Mariguela até 2004 e, que na época estava acampado e hoje reside em Marabá, falou que estava decepcionado com o movimento e, com alguns colegas professores, em particular, porque esses colegas estavam se formando, mas ainda não tinham contribuído em nada com o acampamento e nem com a escola e pensava que eles não contribuíam por medo ou por

insegurança. O professor/educador se referia a uma turma de cinco ou seis professores militantes do acampamento que estavam concluindo o curso de Pedagogia em Belém.

2.2. O que é educação: Com a palavra os professores

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, na escola, de um modo ou de outros muito de nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos alguma coisa a dizer sobre a educação que nos invade a vida, porque não começar a pensar sobre ela com o que uns professores da escola Carlos Mariguela falaram. Vamos acompanhar, agora, o depoimento de alguns acampados, militantes e professores, do pré-acampamento 26 de março sobre o conceito de educação:

"Educar-se é tornar-se esclarecido, é buscar o conhecimento".

(Joana, mlitante)).

"Eu acho que educação é o fator principal a nível de mundo a nível de ser humano. É nela que se encontra todas as respostas da formação humana e é também transformação humana (...) somos responsáveis pela busca de melhorias na educação e principalmente pela escola, pois o desenvolvimento da escola é indispensável para mudarmos a realidade".

(Josefa, militante).

"Educação? É o processo de educar o ser humano, para que ele venha a ter o conhecimento da vida no processo de humanização".

(Antônia, educadora acampada)

"A nossa concepção é que educação é o ponto principal para que o homem se liberte de toda alienação e passará a lutar por seus direitos e vai fazer a revolução".

(Raimunda, militante).

"A educação para mim ela é na verdade eu acho que é além..., ela vai além do transmitir o conhecimento, é também isso, não transmitir, mas construir o conhecimento sistemático, a leitura, a escrita, a compreensão de textos a produção textual, mas também a compreensão da sociedade, não só compreender a sociedade mas ter uma posição dentro da sociedade tanto na questão moral como na questão política, saber se posicionar e respeitar as pessoas, acho que educação é tudo isso". (Maria, educadora acampada).

"Educação é tudo aquilo que emancipa, que liberta e humaniza o homem. Nos precisamos educar nossos filhos e trabalhadores, para que eles permaneçam no campo, para que haja uma estrutura que garanta a sua experiência no campo". (Raimunda, militante).

O educador Sem Terra, ou melhor, o educador do MST tem o compromisso, dizem alguns educadores e militantes do MST no pré-assentamento 26 de março, de instruir o seu povo para lidar com os problemas do dia-a-dia. Para esses educadores, um modelo de educação especificamente voltada para a realidade dos trabalhadores rurais terá êxito no propósito de libertação do campesinato de todo e qualquer sistema opressor e alienante.

De acordo com o depoimento de uma militante é pela educação, seja na escola, ou de qualquer outro tipo, que se formam os lutadores do povo. Assim, quando são necessários guerreiros ou burocratas, a educação é um dos meios de que os homens lançam mão para criar guerreiros, ou burocratas. Ela ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso ela ajuda a criá-los através de passar de uns para outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação participa do processo de produção de crenças e idéias de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força.

No entanto, pensando as vezes que age por si próprio, livre e em nome de todo o educador imagina que serve ao saber e a quem ensina, mas na verdade, ele pode estar servindo a quem o constitui professor, a fim de usá-lo, e ao seu trabalho, para os usos escusos que ocultam também na educação – nas suas agências, suas práticas e nas idéias que ela professa – interesses políticos impostos sobre ela e, através de seu exercício, a sociedade que habitam. E está é sua fraqueza.

2.3. Os educadores e suas práticas

Segundo uma professora acampada ser educador/educadora Sem Terra é se preocupar mais com a formação social, com a formação da criança enquanto cidadão, a formação crítica, a formação político-social do ser humano.

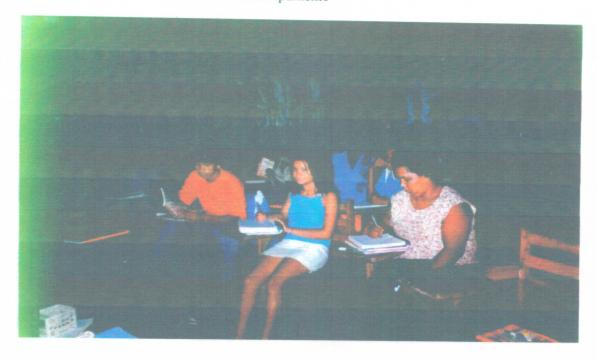
Para que isso aconteça, destaca a professora, é preciso que se ponham em prática os princípios de educação do movimento "que eu acho uma coisa muito bonita" enfatiza. Mas devido alguns problemas como a falta de autonomia do movimento para escolher os professores da escola e a ausência, até agora, de um coordenador pedagógico faz com que o trabalho aqui esteja muito solto - diz a professora – cada professor está trabalhando do seu jeito.

Na última semana do mês de março de 2005, eu acompanhei o trabalho, em sala de aula de duas professoras: uma que mora na cidade e que já trabalha há dois anos na escola Carlos Mariguela e, portanto, se diz simpatizante do movimento e outra que é acampada e militante do MST.

A primeira professora trabalha à tarde com turmas de 5^a, 6^a e 7^a séries do ensino fundamental regular. A professora leciona aulas de Matemática e Ciências, mas está se formando em Pedagogia. Assisti às aulas na 5^a e 7^a séries e não percebi em ambas as turmas nenhum momento em que se realizou alguma atividade que diferenciasse aquele ensino do ensino praticado na cidade. Na aula de matemática era abordado o tema Equações de maneira tradicional e em ciências foi trabalhado o tema célula e suas estruturas.

A segunda professora trabalha à noite com o ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos) 3° e 4° Etapa. A professora também está se formando em pedagogia pela UFPa, assim como a primeira professora e da aulas de português. Nesta aula percebi que os conteúdos e a metodologia de trabalho da professora são os mesmos praticados pelos professores da Cidade.

Foto 8: Turma da EJA do acampamento



Nesta foto, vemos em detalhes uma turma da EJA – 4ª etapa – Educação de jovens e adultos – da escola Carlos Mariguela em período noturno. Os educadores do MST e, os do acampamento 26 de março em particular, querem lançar mão desses programas educacionais, como o "EJA" e o "Brasil alfabetizado" ambos os programas do governo federal e que funcionam na escola do acampamento para formar e alfabetizar a sua militância.

Na primeira semana de abril voltei a acompanhar as aulas de uma terceira professora, graduada em Letras pela UFPa, e que trabalhava com português e espanhol. A professora dá aulas na escola do acampamento há dois anos e está acampada há apenas um ano, ela veio morar no acampamento porque se casou com um militante do movimento.

Mas há quem diga que mesmo os professores que foram formados pelo MST que fizeram a pedagogia da terra e que hoje trabalham na escola Carlos Mariguela deixam a desejar "estão se formando, mas na prática não contribuíram pra gente, não sei se eles tem medo ou insegurança de por aquilo que aprenderam em prática", diz a fonte, também um professor do acampamento.

CAPÍTULO III

- 1 O SABER GERADO NO PROCESSO DE TRABALHO E NAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO
 - 1.1. O processo de produção agropecuária e as práticas dos agricultores.
 - 1.1.1 Alguns conceitos

Como qualquer agente integrado à dinâmica de desenvolvimento de uma sociedade, os agricultores familiares visam se reproduzir social e economicamente. Enquanto produtores, o principal meio que dispõem para concretizar esta finalidade é a realização da **produção agropecuária.** Damais (1990) descreve produção agropecuária como um processo de trabalho no qual o homem explora um ou vários ecossistemas, por meio de ferramentas e técnicas, objetivando satisfazer suas necessidades. Odum (1980) conceitua **ecossistema** como a unidade fundamental básica na ecologia, pois influi tanto os organismos quanto o ambiente abiótico; cada um destes influenciará as propriedades do outro e cada um é necessário para a manutenção do conjunto.

Para alcançar esses objetivos o agricultor tem que se relacionar com outros agricultores e agentes (comerciantes, intermediários, técnicos e etc). Há duas principais formas de o agricultor produzir os bens necessários à sua reprodução: Produção vegetal e produção animal, esse conjunto é chamado de sistema de produção. Dufummier (1985) define sistema de produção como o conjunto estruturado das produções vegetais e animal estabelecido pelo agricultor para garantir a reprodução de sua exploração. É o resultado da combinação dos meios de produção e da força de trabalho disponíveis em um espaço sócioeconômico e ecológico determinado.

O conceito de sistema de produção se define, no nível da exploração, através da modelização do seu funcionamento.

De maneira geral, um sistema de produção se caracteriza por:

- Seus elementos constitutivos (as forças produtivas);
- A existência de interdependência entre os elementos;
- A existência de fronteiras mais ou menos permeáveis com o meio envolvente;
- Sua estrutura, ou seja, a combinação de seus elementos em diferentes subsistemas;
- A existência de diferentes fluxos de energia, produtos e informações, tanto entre os sub-sistemas como entre o sistema de produção e o meio envolvente;
- Suas finalidades.

A aplicação do conceito de sistema na exploração agropecuária, nos leva a definir três elementos constitutivos, ou forças produtivas, de um sistema de produção:

- A força de trabalho;
- Os instrumentos de produção;
- O meio explorado.

De acordo com a pesquisa realizada no acampamento 26 de março, o principal meio de produção explorado pelos agricultores é o sub-sistema agrícola ou sistema de cultura. A concepção do conceito de sistema de cultura ou sistema de cultivo tem origem na França com duas aplicações distintas: 1) De origem agronômica – resulta das reflexões da equipe de M. Sebillot e visa integrar, sobre o plano de raciocínio agronômico, as operações culturais à história da parcela explorada (Rotações, efeitos precedentes, etc) em um conceito de natureza explicativa e operacional. 2) De origem agro-econômica – oriunda de economistas rurais, como L. Malassis e de Badouin. Contrariamente à primeira, esta é de natureza puramente descritiva e pode ser aplicada em várias escalas: Na exploração, comunidade e seu território e região. Ela designa em menor escala a repartição espacial das diferentes culturas em um momento e, em maior escala, a mera descrição das culturas praticadas dentro de uma região.

A primeira aplicação: De origem agronômica, é a concepção mais aceita para o sistema de cultura do acampamento 26 de março.

1.1.2 - Conceitos complementares para o entendimento de sistema de cultura

Um conceito fundamental e que permite uma análise das relações e das operações culturais implementadas pelo agricultor é o de ITINERÁRIO TÉCNICO (O ITK).

Itinerário Técnico (na exploração agrícola) – "É a combinação lógica e ordenada de técnicas culturais que permitem controlar o meio e obter uma produção agrícola" (SEBILLOTE, 1974).

Este conceito nos leva a analisar como o agricultor controla seu meio produtivo mediante as técnicas disponíveis.

Para entender a razão de ser da combinação escolhida (O ITK) pelo agricultor, deve-se considerar o conjunto de características da parcela cultivada, ou seja, dos elementos constitutivos envolvidos. Segundo suas características, para um mesmo objetivo técnico (ex: controle de invasoras, preparo do solo, plantio, etc) pode corresponder uma combinação de diferentes técnicas.

Quando se fala de "combinação de técnicas" não é somente a sucessão das mesmas. Não se pode analisar uma técnica de maneira isolada, sem levar em conta o conjunto de técnicas aplicadas para obter o resultado final. Dessa forma, não se deve comparar, normativamente, a eficiência de uma técnica em relação á outra.

Além disso, a exploração de uma parcela traduz-se por uma sucessão de diferentes populações vegetais ao longo do tempo. As características biológicas, físicas e químicas da parcela cultivada são definidas, em certo grau, pelo tipo de população vegetal precedentemente cultivada.

Esta consideração nos remete a outro conceito básico, o Efeito Residual de um cultivo: "É a variação dos estados do meio (biológicos, físicos e químicos) entre o início e o

final do cultivo considerado, sob a influência conjunta da população vegetal, das técnicas aplicadas e das influencias climáticas" (AUBRY, 1990).

Então o ITK do cultivo de uma população vegetal depende também do efeito residual da população vegetal cultivada anteriormente na mesma parcela. Assim, o sistema de cultura se define como: "O conjunto de modalidades técnicas utilizadas sobre uma superficie de terreno manejada homogeneamente, caracterizada pela natureza dos cultivos, sua ordem de sucessão e os ITK's aplicados" (adaptado por SEBILLOTE, 1982).

1.1.3 - Definição e Caracterização das Práticas dos agricultores

A Prática

Para J. H. Teissier (1979) – "São atividades elementares" realizadas dentro de uma ótica de produção, ou seja, "As maneiras concretas de fazer alguma coisa".

Para Millevile (1987) – Trata das "maneiras concretas do agricultor agir e estão ligadas as condições das quais se exerce o oficio".

A prática se insere num contexto particular de tempo e espaço, ou seja, em um contexto preciso.

A Técnica

Para Landais & Defontaines (1988) – "São da ordem de conhecimento, podendo ser descritas independentemente do agricultor que as pratica".

A técnica é um modelo conceitual para uma ação, finalizada (em particular para a produção). E constituída por enunciados ensináveis.

Se as técnicas podem ser descritas independentemente do agricultor que as aplica, ela não é a mesma coisa que as práticas, que são ligadas ao operador e as condições que as mesmas são empregadas. Assim podemos considerar, grosso modo, que *prática* é da ordem da ação, enquanto que a *técnica* é da ordem do conhecimento.

Entre técnicas e práticas, existem relações recíprocas e que são cruciais para o processo de desenvolvimento:

- a) Do saber ao fazer Empregar uma técnica em prática;
- b) Do fazer ao saber tirar da pratica os ensinamentos técnicos.

Por em prática (saber para fazer)



Elaborar referências técnicas (fazer para saber)

Figura 9: Relação entre técnica e prática.

Portanto, a prática é resultado de um processo estruturado de decisão de apropriação e de adaptação do enunciado de partida. Esse processo leva em conta, ao mesmo tempo, as restrições e os trunfos próprios de sistema de produção em questão e do projeto do agricultor.

A relação inversa (da prática para a técnica) não ressalta de uma simples operação de memorização, mas também da objetivação e da construção de uma referência técnica utilizável e transmissível. Esta operação supõe um tratamento anterior de informação que depende, ao mesmo tempo, da natureza dos indicadores utilizados e de referencial preexistente, pois os diferentes observadores tiveram ensinamentos de observação diferentes de uma mesma prática (ex: os diferentes agricultores, os técnicos).

1.2 - O processo de produção agrícola e as práticas dos agricultores do acampamento 26 de março

Na abertura deste capítulo foram apresentados alguns conceitos que considero fundamental para o entendimento da descrição do processo de produção agrícola dos agricultores acampados, que será abordado a seguir.

Para esta fase do estudo, foi aplicado um questionário (o questionário segue em anexo) com as famílias acampadas. Participaram desta fase da pesquisa 15 famílias e escolhidas aleatoriamente para responderem ao questionário. O questionário tratava dos seguintes temas:

- 1 Informações sobre a família:
- 2 O sistema de produção de cada família;

As primeiras informações dizem respeito à composição das famílias, é um dado importantíssimo, pois esclarece outras informações acerca das famílias e explica as decisões das mesmas.

A maioria das famílias que responderam ao questionário possui filhos pequenos, com idade entre7 e 12 anos e que, portanto, além de estudarem realizam as tarefas de casa e ajudam em algumas tarefas da roça. Mas o trabalho na roça fica mesmo reservado aos pais e filhos mais velhos, em alguns casos.

Há famílias que têm mais de dois filhos mais jovens, mas eles moram na cidade e lá trabalham e estudam ou só trabalham algumas famílias ainda não têm filhos sendo compostas simplesmente pelo marido e esposa onde ambos dividem as tarefas.

Mas, o que se pode concluir na verdade, é que mesmo nas famílias formadas por muitos filhos é com pouco ou nenhum filho raramente os pais não cuidam da roça sozinhos.

Outras informações relatam o grau de estudo das famílias. Dentre os pais entrevistados nenhum deles teve muito sucesso com os estudos; como chegar até uma 4ª ou 5ª series, todos sem exceção estudaram a 1ª, 2ª e 3ª séries ou não foram à escola. Em relação aos filhos, todos aqueles maiores de cinco anos vão à escola que, aliás, é uma exigência feita a todas as crianças nesta idade que moram no acampamento. Alguns estudam no período da manhã, que funcionam as turmas de 1ª a 4ª séries. Outros vão à escola à tarde, quando funcionam as turmas de 5ª a 6ª série. Em entrevista aos pais destes alunos, obtive informações de que no período em que eles não estão na escola vão para a roça ajudar os trabalhos.

Em seguida, foi questionado o tempo que as famílias têm de acampadas, as respostas foram unânimes: todos chegaram no início do acampamento, em 1999. Essas famílias são apenas algumas das, aproximadamente, 1700 famílias que chegaram no início do acampamento, e que hoje, junto com muitas outras, tem esperanças de que um dia a terra será liberada.

As próximas informações se referem ao tipo de atividades que as famílias realizam no acampamento. Também neste item não houve variação de respostas, todas as famílias participantes do estudo trabalham na roça e têm aí sua principal fonte de produção.

A segunda parte do questionário aborda o sistema de produção das famílias que, como foi relatado anteriormente, predomina o sistema de cultivo. Ou seja, as famílias acampadas no acampamento 26 de março, em sua maioria, são agricultores de origem, isto é, praticam a atividade agrícola desde muito jovens. Há também alguns entrevistados que começaram a trabalhar com lavoura a partir de sua chegada no acampamento.

Mas de que maneira essas pessoas adquiriram esse saber?

Como os próprios agricultores relataram em entrevista, a sua prática na atividade agrícola teve inicio em suas adolescências – "naquela época todo mundo de casa ia pra roça, só ficava em casa uma mulher pra fazer a bóia" – diz o Sr. Antônio. Portanto, a escola ficava em segundo plano ou era de pouca importância porque o que se aprendia na escola de nada servia para o trabalho que faziam e, por isso, para se trabalhar na roça não se precisava ir à escola.

Os saberes dos agricultores surgem de suas práticas diárias e se reproduzem e transmitem aos descendentes na medida em que se estabelecem, por meio do trabalho, as relações de trocas de experiências e o contado direto com os instrumentos de produção agropecuária: a natureza, os animais, as ferramentas e outros agentes.



Nesta foto, podemos ver em detalhes o agricultor José pondo o seu arroz para secar. O Sr. José disse em entrevista que não teve condições de seguir nos estudos, mas tudo que sabe fazer na vida deve a seus pais, foram eles que lhe ensinaram na prática do dia-dia. Muito do que sabe fazer aprendeu também observando outras pessoas fazerem.

Desta forma, as famílias que participaram desse estudo: tanto aquelas que praticam a atividade agrícola há muitos anos como as que começaram a praticar quando chegaram no acampamento afirmam que aprenderam esse oficio com os próprios pais, através do trabalho diário e com outros agricultores, através de conversas e trabalhos conjuntos.

É importante enfatizar que os agricultores que praticam a atividade há muitos anos só adquiriram uma TÉCNICA própria no processo do trabalho, ou seja, através da realização de suas práticas. Isso que chamamos de TÉCNICAS são os saberes, os conhecimentos dos agricultores que são repassados a gerações futuras e por elas absorvidos e transmitidos a outras gerações num processo contínuo.

1.2.1 – Os agricultores e suas práticas

1.2.1.1 – Preparo da roça

Nessa parte do questionário tratou-se de descrever as etapas de preparo da roça. Tabela 1: Atividade/ Período

						M	ÊS					
ATIVIDADE	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
BROQUE	X											
DERRUBA		X										
QUEIMA			X	X								
ENCOIVARA			X	X								
COLHEITA	X								X	X	X	X

Tabela 2: Plantio / Cultura

						M	ÊS					
CULTURAS	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
ARROZ						X	X					
MILHO					X	X	X					
FEIJÃO						X						
MANDIOCA							X					
ABÓBORA				X			X					X
OUTROS				X		X	X					
ARR.LIGEIRO					X							

Todas as famílias que responderam ao questionário afirmaram iniciar as atividades da roça no mesmo período. Há, no entanto, uma variação no período de queima e encoivara; alguns agricultores realizam a queima em agosto enquanto outros as realizam em setembro. Essas variações dependem de vários fatores; ambientais (climáticos), atraso das etapas anteriores (broque e derruba), problemas familiares, etc. As etapas de preparo de uma roça consistem no *Broque*: è a fase inicial de preparo da roça. O agricultor utiliza ferramentas como o fação e a foice para retirar da área todas as árvores de pequeno porte: na *Derruba*: nesta etapa serão eliminadas as árvores de grande porte com utilização de machado ou moto-

serra, dependendo das condições financeiras do agricultor para comprar ou alugar a ferramenta e, em seguida realiza-se a queima. Quando a queima não é bem-sucedida, ou seja, quando sobram da queima uma quantidade enorme de troncos e galhos, o agricultor precisa ajuntar todo esse material e realizar uma nova queima, pois o objetivo é deixar a área completamente limpa para o plantio.

Como a época do plantio é semelhante, apesar de haver alguns adiantamentos e atrasos, é comum que todos iniciem o plantio no mesmo período. Primeiramente se planta a abóbora e em seguidas outras culturas como melancia, quiabo, maxixe, batata, inhame, cana, amendoim, etc. logo depois se plantam o arroz, o milho, mandioca, macaxeira; quando o arroz já está com 30 ou 40 dias de plantado planta-se a banana. O feijão é plantado um pouco antes do arroz e logo depois da colheita deste; o primeiro plantio do feijão é feito separado do arroz e o segundo é feito no abafado da roça de arroz. O Plantio do feijão no abafado consiste numa técnica em que o agricultor aproveita o terreno, depois de realizada a colheita do arroz, e joga as sementes da leguminosa sobre o solo. Mas, nem todos os agricultores deste grupo plantaram o feijão na última safra (2004/2005). Aqueles que mais plantaram a leguminosa colheram até 5 sacos. Outros plantaram em menor quantidade, o suficiente para a sua alimentação e um pouco para a venda.

No ato do trabalho de preparo da roça os agricultores utilizam as seguintes ferramentas: facão, foice, machado, enxada, xaxo (catana), máquina de plantar arroz (perna de grilo), enxó, faca e, apenas 1 agricultor admitiu o uso da moto-serra. As ferramentas utilizadas pelos agricultores são de sua propriedade.

0

Outro fator explorado pelo questionário faz referência aos tratos culturais realizados pelos agricultores. Todos afirmaram que o único cuidado tomado com a roça é a capina que acontece de duas a três vezes. Alguns plantadores chegaram a comentar sobre o uso de defensivos (veneno) e até afirmaram o uso do produto por alguns colegas do acampamento, mas reprovam a sua aplicação. A justificativa dos agricultores por não usarem o veneno na lavoura é a seguinte: quando o agricultor pretende fazer o uso de agrotóxicos ele está limitado a plantar em sua roça somente arroz, milho e feijão porque o veneno é prejudicial às demais cultura relacionadas anteriormente.

Foi perguntado, ainda, aos agricultores se existia, durante a safra, a contratação de mão-de-obra. Alguns agricultores fizeram o seguinte comentário sobre a pergunta: as famílias estão divididas em grupos dentro do acampamento, o grupo, dependendo de sua composição, trabalha em regime de mutirão, ou seja, há um processo de trocas de diárias entre o grupo o que caracteriza uma coletividade. Portanto, não há necessidade de contratar serviços. Outros agricultores preferem não trabalhar em grupo e às vezes se vêem obrigados a contratar serviços para a colheita do arroz, o pagamento é feito com o próprio produto em quantidades proporcionais (ex: na terça, na meia, etc). A colheita na terça compreende um acordo entre o dono da roça ou responsável e o agregado (trabalhador contratado), no qual o agregado se pontifica a realizar a colheita e, em cada três partes colhidas ele tem direito a ganhar uma, por exemplo, se o agregado colher três latas (de 20 Kg) ele tem direito a uma lata. Enquanto que no regime de meia o trabalhador contratado terá direito à metade de todo o arroz que colher, por exemplo, se ele colher duas latas (de 20 Kg) uma será dele. O pagamento na meia é menos freqüente em qualquer contratação, sendo empregado em situações urgentes como um iminente risco de perda da produção.

Em último caso, o questionário tratou do destino da produção. O que é feito com a produção?

0

Sendo a produção agrícola a principal fonte de renda desses agricultores, é através da venda dos produtos que se obtém o dinheiro em espécie. Os produtos mais vendidos são o arroz, o milho, a farinha e a abóbora; em consequência são produzidos em maior quantidade. O dinheiro obtido com a venda será empregado no preparo da roça para a safra seguinte e para atender às necessidades básicas da família: compra de remédio, de roupa, de calçados, de alguns produtos alimentícios que não são produzidos no acampamento, etc.

Mas os agricultores não podem se desfazer totalmente da produção. Então, vendese uma parte e a outra é armazenada para o consumo da família e dos animais. Armazena-se arroz, feijão, milho seco, farinha, abóbora. O local de armazenamento é no próprio barraco ou em outro agregado a ele. Geralmente os agricultores se deslocam até Marabá, no domingo, para venderem os produtos da colheita: milho verde, abóbora, melancia, banana, fava, batata, etc, na feira livre da folha 28, na nova Marabá. Outras vezes a venda é realizada no próprio acampamento para atravessadores. E também a comercialização dos produtos acontece à margem da rodovia PA-150 ali são vendidos derivados do milho como a pamonha, milho cozido, milho assado, abóbora, etc.





0000000000000000

Acima, foto de janeiro de 2005, onde flagramos crianças, à margem da rodovia PA -150, à espera de transporte para irem à cidade de Marabá e, um saco cheio de milho verde e outros com arroz com palha que também serão levados a Marabá para serem vendidos.

2 - Considerações Finais

Com base na pesquisa realizada com os moradores do acampamento 26 de março, no período de 2003 a 2005, posso tecer algumas considerações do quadro que aqui se apresenta, resguardando-me sempre a afirmação de estar analisando um contexto específico que é o acampamento 26 de março, o qual apesar de possuir uma curta história, um pouco tempo de existência, 07 (sete) anos aproximadamente, já tem sua marca registrada no contexto nacional em repúdio ao processo de concentração fundiária e na luta pela Reforma Agrária. Esta é a bandeira levantada pelos trabalhadores rurais acampados.

Há vários elementos de que esse grupo lança mão para alcançar seus objetivos maiores como a reforma agrária e outros ainda mais decisivos em suas vidas e que por afetarem mais rapidamente a sua existência, merece maior atenção como o trabalho e os aspectos gerais da pessoa humana. A cultura é, também, um elemento, se não o principal, que consegue por si só orientar o homem na realização de seus sonhos e desejos, esclarecendo que o sonho de muitos agricultores acampados é de um trabalho seguro numa terra que seja sua e uma boa formação para seus filhos. Para que eles saibam conviver com a terra e dela tirar o seu sustento e o mais importante, que nunca a abandonem.

Minha preocupação fundamental neste trabalho consistiu em analisar a forma como se dá a elaboração de saberes pelo trabalhador acampado, na sua prática social, produtiva, trabalhista e escolar. Refiro-me aqui aos saberes (conhecimentos) produzidos pelos agricultores no ato do trabalho quando promovem a troca de informações inerentes às suas práticas produtivas. Refiro-me, ainda, a um tipo de saber (conhecimento) que poderia estar sendo gestado no acampamento 26 de março, por meio do contato entre a escola Carlos Mariguela e a comunidade.

Para tanto, tentei entender o significado de educação para esse grupo social, como percebe a sujeição vivida cotidianamente, como representa e prática os direitos, de que forma se relaciona com os agentes educativos.

Portanto, o caminho para se redimensionar a educação do trabalhador consiste em privilegiar o próprio trabalhador como entidade coletiva, a sua identidade real nas lutas e o seu saber; na qualidade de sujeito deste processo de recriação da educação, inclusive da escola como meio para assegurar a recriação da cultura mediante a apropriação do saber científico pela classe trabalhadora e a reelaboração deste em função dos seus interesses de classe, tendo como alicerce o seu saber local.

Em Saber local, Geertz fala da importância de uma etnografia mergulhada nas miudezas, nos conceitos da realidade-próxima como forma de se interpretar o modus vivendi de um povo. Portanto, como já tenho relatado em escritos anteriores, para compreender a lógica de quem mora em um acampamento temos que lançar mão da antropologia e investigar, captar os elementos mais gerais da vida social que ali se realiza. Dar conta das relações sociais nas quais está inserido. Enfim, busquei apreender o saber local que se forja na luta diária resgatando-o a partir das histórias de vida, das histórias de luta.

Assim, fica demonstrado que os trabalhadores rurais têm um saber próprio, síntese de um aprendizado na vida cotidiana, fruto do modo como organizam a produção e as relações sociais no seu trabalho concreto, fruto do processo de criação e recriação das suas condições de existência material e social. Por outro lado, embora esse saber tenha uma heterogeneidade, seja contraditório, fragmentada, tem um caráter eminentemente vivo dinâmico e, sobretudo é um instrumento útil mediante o qual o trabalhador se situa no mundo e com ele mantém relação; constitui, portanto, uma rica síntese das vivências do modo como o mesmo expressa e representa o mundo físico e social. É parte de sua cultura e instrumento na elaboração de sua identidade social.

- 1 ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**/Marli E. D. A André São Paulo: EPV, 1986.
- 2 BOGO, Ademar. O MST e a cultura. 2ª ed. 2000.
- 3 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**/Carlos Rodrigues Brandão. 33 ed São Paulo:Brasiliense, 1995 (Coleção primeiros passos)
- 4 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1940. *O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural.* São Paulo: ETD, 1990. (Coleção aprender e ensinar)
- 5 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "Casa de escola": cultura camponesa e escola rural. 2ª ed. Campinas: II Título: Cultura camponesa e Educação Rural.
- 6 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**/ Carlos Rodrigues Brandão 2ª ed São Paulo: Brasiliense, 1985.
- 7 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **"Pensar a prática": escritos de viagem e estudos sobre educação**. *São Paulo*, *Edições Loiola*, 1990.
- 8 GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas: Livros técnicos e científicos editora S.A.
- 9 GEERTZ, Clifford. **O saber local: Novos ensaios em antropologia**. Clifford Geertz; tradução de Vera Mello Joscelyne Petrópolis, Rj. vozes, 1997.
- 10 LARAIA, Rock de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 1ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor: 1986.
- 11 LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural**: **Urbanização e políticas educacionais**/Sérgio Celani Leite São Paulo: Cortez, 1999.
- 12 SPEYER, Jaques e DAMASCENO, Maria Nobre. (coords). "Educação e Escola no Campo": A Dinâmica na sala de aula na Escola Rural. Cláudia Daves/Bernadete A. Catti. Campinas, Papirus: 1993 (coleção magistério, formação e trabalho pedagógico).

4 - OBRAS CONSULTADAS

- 1 ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico 5^a ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- 2 Caderno de formação nº 6. Como fazer a escola que queremos: O planejamento
- 3 Caderno de formação nº 8. Os princípios da educação no MST.

- 4 Caderno de formação nº 34. O MST e a cultura. Ademar Bogo 2ª edição.
- 5 Caderno de formação nº 9: **Como fazemos a escola de ensino fundamental** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra MST. Terra, Escola e Cidadania.

ANEXO

Roteiro de entrevista para estudo do acampamento 1 – DA COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA

NOME	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	ATIVIDADE REALIZADA
				KENDIZADA
	,		4	
44	A A			
a) Há quanto	tempo resid	e no acampa	mento?	
		*		
110		4.		
b) Que tipo	de atividades	realiza no ac	campamento?	
2 - DO SIST	EMA DE CU	JLTIVO		
a) Há quanto	tempo você	faz esse trab	palho?	
h) Ondervoo	â anrandau a	fozar acca tr	abalho? Quem lhe ensir	20119
b) Onde voe	e aprended a	lazer esse u	avamo: Quem me ensi	
c) Quando v	ocê começa a	mexer com	a roça?	
			₩:	
1) D	~~ a a famous	ontog stiling	daal	
a) De quem	são as ferram	tentas utiliza	das?	
as in this o	harina .			
e) Quem lhe	ajuda a fazer	r a roça?		
2 DO DI	ANITIO DO	TD A TOC CI	HITTIDAIS DA COLL	JEITA E DA
	ALIZAÇÃO	IRATUS CI	ULTURAIS, DA COLI	TELLA E DA
COMERCIA	ALIZAÇÃO			
a) Você pla	nta o que?			
		. 4 . 4	1. 0	
됐게 이 화면 없이 살아 없는데 그 보고 있다.	época do plar	itio de cada	cultura?	
I – Do arroz				

II – Do milho	
III – Do feijão	
IV – Da mandioca	
V – Outros	
4 – QUE TIPO DE CUIDADO	OS VOCÊ TÊM COM OS CULTIVOS?
a) Do arroz	
b) Do milho	
c) Do feijão	
d) da mandioca	AMONTO 101 TO 10
e) Outros	
5 – Da COLHEITA	
a) Em que mês é feita a colheit	ta? Quem faz a colheita?
b) Você contrata mão-de-obra	para a colheita?
Em caso de contrato de mão-de	e-obra
c) Porque contrata?	
d) Em que mês contrata?	•
e) Como é feito o pagamento?	
f) O que é feito com a produçã	ĭo?

b) Por quanto comp	ora?			
c) Onde é vendida?	and the same of th		al .	
d) O que é feito cor	n o dinheiro da ven	da?		
e) A produção é am	nazenada? Onde?			
e) A produção é am	nazenada? Onde?			